

ÚRSULA: UM ROMANCE FEMINISTA E AFRO-BRASILEIRO NO SÉCULO XIX

LISBOA, Helen Alves de Almeida¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo copilar argumentos referentes à escrita feminina e à literatura afro-brasileira para a análise do romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, sob o codinome “Uma Maranhense”. A obra, apesar de ter tido pouca visibilidade na época de sua publicação, tem chamado a atenção de leitores e estudiosos devido a seu aspecto denunciativo em relação à violência sofrida pelas mulheres e negros do século XIX, a qual, em grande parte, se estende aos dias de hoje. Portanto, espera-se que a pesquisa aqui desenvolvida destaque os principais momentos em que se percebe, na narrativa, um discurso baseado na realidade observada pelo ponto de vista da autora, elucidando o caráter de compromisso social da obra.

Palavras-chave: escrita feminina; literatura afro-brasileira; violência contra negros e mulheres na literatura.

ABSTRACT

This paper aims to argue about feminine writing and Afro-Brazilian literature for the analysis of the novel *Úrsula* by Maria Firmina dos Reis, published in 1859, under the code name "Uma Maranhense". The work, with little visibility at the time of its publication, has attracted the attention of readers and scholars due to its denunciative aspect regarding the violence suffered by women and blacks of the nineteenth century, which, in large part, extend to the days of today. Therefore, it is expected that this research highlights the main moments in which a discourse based on the reality observed by the author's point of view is perceived, elucidating the character of social commitment of the work.

Key-words: feminine writing; Afro-Brazilian literature; violence against blacks and women in the literature.

¹ Aluna do 9º semestre de Letras Português Licenciatura na Universidade de Brasília (UnB – 2019).

1. Resgatando a Literatura Brasileira do séc. XIX

Considerando as necessidades acadêmicas paralelamente aos assuntos sociais emergentes, este artigo busca atrelar esses temas ao fazer o resgate de uma obra romântica do séc. XIX a partir de seus aspectos que, na época, foram o motivo de sua não valorização, ao passo em que hoje, frente a um novo cenário de ideias e sentimentos de pertencimento, faz-se imprescindível para debates e denúncia de uma realidade comum às duas épocas (inclusive, marca cultural desta nação), abordando sua temática feminista e afro-brasileira.

Nesse seguimento, Duarte (1995 apud MAZZONI, s.d., p. 2) sugere que “obras, autores e expressões culturais que ficaram excluídos pelas pressões de relações e poder da cultura dominante sejam incorporados” ao cânone, como as discriminadas obras da literatura de autoria feminina. Ainda de acordo com ela, “o critério de exclusão está vinculado ao preconceito e à resistência dos críticos em dar conta de outra ótica”, diferente da preestabelecida, um problema que se estende por séculos. Por esse motivo, fazer emergir textos de autoria feminina no século XXI é uma forma de ir contra o passo natural dos séculos anteriores, de modo à (des) reformular paradigmas.

Por sua vez, de acordo com Schmidt e Rocha (2005, p. 221), “recuperar as obras de escritoras do passado [...] nos permite, além de ampliar e redimensionar a história literária brasileira, mudar nossa concepção dessa mesma história”. Assim, para seguir as necessidades e intuítos expressos anteriormente, este trabalho tem por objetivo resgatar o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, o qual, mais uma vez, ganha espaço não apenas nas prateleiras, mas no pensamento crítico acadêmico, revelando-se fonte de marcas da escrita feminina do séc. XIX e, ao mesmo tempo, palco para o primeiro romance brasileiro de autoria afrodescendente e o primeiro com caráter abolicionista, conforme indicam Dalcol e Alós (2019, p. 3).

O romance aborda a história de Úrsula, uma jovem menina que cuida de sua mãe viúva e doente juntamente com dois escravos, Túlio e Susana, os quais, no decorrer da narrativa ganham espaços de fala próprios que permitem a expressão de suas características. No texto, os traços de personalidades expressos em relação aos personagens dos escravos permitem a desmitificação de tipos específicos de comportamento incorporados na literatura da época aos negros.

Na história, a chegada inesperada de Tancredo à casa de Úrsula desencadeia uma série de acontecimentos que transformam a vida bucólica e sem muitas alegrias da jovem, iniciando-se paixões desejadas e turbulentas, bem como permitindo descoberta de histórias passadas guardadas por sua mãe, dona Luísa B.

Nesse quadro, no decorrer dos 20 capítulos de narrativa, que ora ocorre em terceira pessoa, ora em primeira, também são perceptíveis a vivência de realidades geralmente não retratadas nos outros romances da época, pois, na voz feminina da autora, a violência e opressão vividas pelas personagens femininas, comuns em diversas passagens, bem como a violência sofrida pelos negros, escravos ou livres.

Portanto, é a partir desse cenário apresentado que este artigo pretende se debruçar e esmiuçar algumas das principais características do romance de Maria Firmina dos Reis com o auxílio de estudos outros já realizados com base na mesma obra ou temática.

1.1 A escrita feminina

Como Firmina, muitas outras escritoras tiveram suas contribuições com a literatura brasileira desconsideradas, excluídas, e isso não apenas no período da escola romântica, mas também para, além disso, indo até meados do séc. XX, em que, apesar de serem muitas as autoras, a de maior destaque foi Clarice Lispector (MAZZONI, s.d., p. 8).

Portanto, diferentemente das autoras que começam a ganhar notoriedade no cenário nacional e internacional após a metade do séc. XX, devido às lutas e debates iniciados na época, obras como a de Firmina, ainda no séc. XIX, não puderam contar com a discussão social de temas e realidades femininas, ficando, por muitas décadas, incompreensíveis e invisíveis com seus discursos denunciativos à sociedade patriarcal à qual eram submetidas (MAZZONI, s.d., p. 6).

Tratando-se da importância da escrita como parte da identidade nacional, vale ressaltar que o conceito de nação está ligado à escritura e, na base da consciência nacional, está o texto impresso (SCHMIDT; RAMOS, 2005, p. 219). Acrescenta-se a isso a formação de uma literatura essencialmente brasileira no séc. XIX e que, nesse cenário, permaneciam emudecidas as vozes femininas que compunham a nação. Seria, portanto, o caso de se considerar a nação excluindo-se expressões culturais que não participem do pensamento comum e das classes de poder? (DUARTE apud MAZZONI, s.d., p. 2).

Como consequência, desprezar a escrita feminina no séc. XIX é como despossibilitar as autoras de participarem da construção da literatura nacional exatamente no século em que esta começava a institucionalizar-se “instrumento pedagógico de viabilização da nossa diferença cultural em razão de sua força simbólica para sustentar a coerência e a unidade política da concepção romântica da nação como ‘o todos em um’” (SCHMIDT, 2000, p. 84).

Nesse sentido, acompanhar o trabalho de Zahidé Muzart, ao organizar os volumes de *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia* faz perceber que revolver às escritas femininas desse século deve seguir o objetivo não só de responder às perguntas levantadas pelas autoras, mas de fazer uso delas como parte da necessidade feminista da sociedade moderna. Afinal, seus discursos são atemporais, bem como a violência, a repressão e o desprezo social, tão comum ainda hoje (SCHIMDT; RAMOS, 2005, p. 221).

Mais uma vez, é preciso entender que a escrita feminina expressa situações que incluem a “mulher como sujeito de sua própria história”, a qual requer uma “apropriação de operadores”, uma “leitura de gênero”, conforme indica Mazzoni (s.d., p. 5). Isso porque é no discurso da obra que se percebe a voz da autora. De acordo com Xavier (1991, p.13 apud MAZZONI, s,d., p. 5) “quando uma mulher articula um discurso, este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes”.

Nesse ponto, cabe destacar que, mesmo sem acesso a estudos específicos em relação à literatura feminina, Firmina segue o pensamento machista opressor do séc. XIX e logo no início de sua obra a descreve como mesquinha e humilde, e continua dizendo

[...] Sei que pouco vale este romance, escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2018, p. 47).

De acordo com Machado (2018, p. 21), a autora “sabia que um romance escrito por uma mulher provinciana e de vida recolhida não deveria ter grane futuro, pois faltavam a ela os meios para se inserir no ambiente literário”. Essa expressão de inferioridade ocorre por uma expressão realista do que de fato se vivia na literatura brasileira, em que obras de autoria feminina, no caso dela, negra e de origem simples, muito já alcançariam só por serem publicadas e lidas, mesmo que não gerando prestígio.

Há, também na introdução, uma característica de sua escrita feminina, quando a autora compara o livro a um filho, o qual, mesmo com defeitos e deformidades é alvo de um “amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa” (REIS, 2018, p. 47).

Claramente, há na fala um olhar carinhoso, realista, mas misericordioso, o qual expressa o amor de uma mãe, capaz de enfrentar o mundo em prol daquele que gerou.

Apesar de esperar pelo menosprezo, a autora sabia que trazia novas vozes e relatos de uma realidade social sem valor, o que passaria despercebido, isso porque, certamente, para se compreender diferentes discursos, seria também necessário conhecer diferentes teorias, nesse caso, as feministas, as quais poderiam então apurar o olhar do leitor e gerar interpretações capazes de discernir o discurso da mulher como ser agente da sociedade, deixando, então, de expressar apenas seu papel paciente, o que, considerando o caminhar da história, não seria ainda possível no séc. XIX, apesar de a literatura já demonstrar que boas produções femininas já tinham muito que dizer, mas que, infelizmente, devido às diferenças de tarefas sociais e sexuais, foram imediatamente desconsideradas, mesmo que o conteúdo de suas obras fosse de qualidade, pois o que valia, juntamente com outros estigmas, era o gênero de quem as assinava (MAZZONI, s.d., p. 3).

Percebe-se, portanto, que, sem dúvidas, há uma perda irreparável com o silenciamento das vozes femininas da escrita literária brasileira. No entanto, essa exclusão gera, hoje, a oportunidade de resgatá-las com mais veemência e significância, baseando-se na necessidade social, devido às suas mudanças, e nas teorias feministas desenvolvidas, que possibilitam não apenas recuperar essas vozes e discursos, mas valorizá-los e interpretá-los conforme lhes é devido.

Além disso, evidencia-se o quanto, apesar de não ser reconhecida, a escrita feminina sempre esteve presente na literatura brasileira e, conseqüentemente, sua natureza e modo de enxergar e traduzir o mundo, que não dependiam e não dependem de um espaço permitido, mas se dão por conhecimento, necessidade própria, inerente à capacidade feminina de localizar-se e expressar-se em meio a uma sociedade que ora silencia outras vozes, ora se ensurdece para não ouvi-las.

Ainda, apesar de todo esse silenciamento já esperado por Firmina, ela tem a expectativa de alcançar leituras, o que fica claro no trecho em que compara sua obra “à donzela, que não é formosa; porque a natureza negou-lhe as graças [...], mas que move ao interesse aquele que a desdenhou e o obriga ao menos a olhá-la com bondade” (REIS, 2018. p. 47-48).

1.2 A violência na escrita feminina

De acordo com Duarte (2017, p. 1), considerando a literatura como um espaço de denúncia, tem sido raro encontrar “marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas”, as quais não precisam ser necessariamente físicas, mas também “as outras, de humilhação, ofensa, desprezo”, etc. Ainda conforme Duarte (2017, p. 2), “há narrativas que mencionam ‘maridos brutos’, numa velada referência ao abandono e à violência doméstica”, e completa seu pensamento dizendo que “as escritoras de antigamente lidaram melhor com a violência simbólica, daí tantas representações de desamor, solidão, autoconhecimento, busca de identidade, descoberta da sexualidade...”.

No entanto, Duarte (2017) indica uma reviravolta em suas experiências literárias após conhecer *Cadernos negros*, uma publicação anual desde 1978. Apesar disso, retomando o intuito deste trabalho, pode-se perceber que essa realidade expressa a partir da escrita literária já é facilmente percebida em *Úrsula*, ainda em 1859, pois não se tem no romance apenas um ou dois casos de violência contra a mulher, ele vai, além disso, bem como a figura masculina enquanto agressor também não é característica exclusiva a um dos personagens.

Exemplos de expressão de violência contra a mulher são comuns na obra de Firmina, abordados não só no espaço de relação entre marido e mulher, mas entre tio e sobrinha, irmão e irmã, senhor e escrava. No romance, tanto Luiza B. quanto a mãe de Tancredo viveram em casamentos abusivos. Um trecho que revela bem essa realidade é o narrado por Tancredo a Úrsula, em ocasião em que lhe contava sua história:

É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura.

Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso – minha mãe era uma santa e humilde mulher.

Quantas vezes na infância, malgrado meu, testemunhei cenas dolorosas que magoavam, e de louca prepotência, que revoltavam! (REIS, 2018, p. 82).

Tão penosas devem ser as violências sofridas por sua mãe que Tancredo chega a compará-las com as sofridas por Cristo (REIS, 2018, p. 88). Tem-se, também, o relato de Luiza B. ao contar a história de sua família e do que lhe acontecera até chegar àquela situação. Ela disse: “Paulo B. não soube compreender a grandeza de meu amor, acumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões” (REIS, 2018, p.112).

Claramente, o trecho narrado por Luiza B. demonstra uma vida conjugal de opressões, vivendo um amor não correspondido, suportando traições e não tendo o direito de usufruir de seus próprios bens como lhe convinha, pois a imposição das vontades do marido superava suas capacidades de protestar, considerando-se a realidade da época.

No entanto, o que aqui se pretende expressar é que Firmina, em meados do séc. XIX, já possuía uma visão feminista e uma vontade/coragem de se pronunciar a respeito da violência sofrida pela mulher na sociedade, podendo-se inferir, inclusive, que a criação de metade dos personagens inseridos nessas situações denotaria a frequência com que isso acontecia na sociedade, sendo possível perguntar se ela mesma não seria, portanto, alvo dessas violências.

Outro ponto abordado no romance é o papel da mulher na família, colocando sobre ela a responsabilidade da boa formação dos filhos e a culpa pelos desprazeres da vida, como se pode observar na fala do pai de Tancredo, a seguir

A esposa, que tomamos, é a companheira eterna de nossos dias. Com ela repartimos as nossas dores, ou os prazeres que nos afagam a vida. Se é ela virtuosa, nossos filhos crescem abençoados pelo céu; porque é ela que lhes dá a primeira educação, as primeiras ideias de moral; é ela enfim quem lhes forma o coração, e os mete na carreira da vida com um passo, que a virtude marca. Mas, se pelo contrário, sua educação abandonada torna-a uma mulher sem alma, insequente, leviana, estúpida, ou impertinente, então do paraíso das nossas sonhadas venturas despenhamo-nos num abismo de eterno desgosto. Amaldiçoamos sem cessar essa mulher que adorávamos prostrados; porque se nos figura agora o anjo perseguidor de nossas vidas (REIS, 2018, p. 92-93).

Por fim, Firmina retrata o amor possessivo de Fernando P. para com Úrsula, sentindo-se, a partir do momento em que nele se desperta a paixão, dono e tutor dela, acreditando poder forçá-la ao casamento, bem como forçá-la a amá-lo reciprocamente, a qual não poderia “escapar à sua vigilância, nem à sua paixão” (REIS, 2018, p. 167). De acordo com o narrador, era esse um erro grosseiro do personagem. Vale ressaltar que esse sentimento possessivo leva Fernando P. a cometer diversos crimes, inclusive o de assassinar Tancredo, que, por consequência, leva Úrsula à loucura.

Esses exemplos são aqui retratados em decorrência de uma reflexão feita por Duarte (2017, p. 3), a partir da qual surge o conceito de “escrevivência”, que, de acordo com ela, significa “escrever a existência –, meio conceito, meio desafio para o eu lírico transcender o biográfico”. A autora encontrou esse conceito após a leitura dos textos e relatos de Conceição Evaristo, a qual afirma que a “gênese de sua escrita está no acúmulo de tudo que ouviu e viveu desde a infância” (EVARISTO, 2007, apud DUARTE, 2017, p.

3). Portanto, por esse relato, subentende-se que o contexto e as realidades retratadas por Firmina podem, sim, refletir sua própria realidade, bem como podem ser fruto de cenas por ela presenciadas no decorrer de sua vida.

Sendo assim, relativamente à escrita feminina, entende-se tratar da escrita de uma nação paralela à hegemônica, uma que não era fruto de imaginação, mas que era desprezada por exprimir uma dura realidade. Por conseguinte, considerando-se *Úrsula*, alvo deste trabalho, pode-se perceber, ainda, seu discurso denunciativo quanto à violência da escravidão, o que reforçava a necessidade da sociedade conservadora, patriarcal, de silenciá-la frente à propaganda abolicionista que sua obra elucidava.

2. Literatura afro-brasileira²

Seguindo para o segundo aspecto marcante do livro de Firmina, temos sua expressão literária afro-brasileira também a ser considerada. Sendo assim, primeiramente, é preciso responder a “o que é uma literatura afro-brasileira?”. Conforme Lobo

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO, 2007, p. 315 apud DUARTE, 2010, p.5).

Assim, percebe-se que é necessário atender a alguns requisitos para que uma obra seja considerada afro-brasileira, e o principal é que seja de autor autodeclarado afrodescendente. Isso porque o intuito da obra afro-brasileira não é dar voz aos negros, como bem fazia Castro Alves, ou contar de experiências frias com viés político e, talvez, interesse econômico, como também fizeram autores românticos do séc. XIX, mas ressoar a voz do negro que escreve um discurso capaz de refletir sua história, incluindo aqui a descendência que lhe couber, bem como os martírios, dores, dificuldades, experiências. Portanto, é uma literatura de pele, real, que ultrapassa limites, busca se impor e denunciar as práticas sociais pela lente de quem as vive.

A partir da literatura afro-brasileira, ser autor negro transforma a obra em resultado de um processo vivido e não uma experiência/objeto a ser relatada, pois quem conta a própria história não o faz porque vende, mas porque espera que algo seja feito a

² Este trecho tem como base o artigo *Por um conceito de literatura afro-brasileira*, de Eduardo de Assis Duarte, publicado em 2010.

respeito, é um relato social, uma literatura que deve ser predominantemente marcada pelo protesto contra o racismo, com tradição militante, com resgate de memória cultural e que denuncie o estereótipo como agente discursivo da discriminação (DUARTE, 2010, p. 2).

Nesse seguimento, o uso do termo “afro-brasileiro” também aparece como fonte de discussões. Quem defende seu uso afirma que o próprio termo “remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural.” Já para Cuti (2002 apud DUARTE, 2010, p.5), o termo “funciona como elemento atenuador que diluiria o sentido político da afirmação identitária contido na palavra *negro*” (grifado no original).

Porém, essa diferenciação alcança o nível conceitual literário, sendo possível encontrar uma literatura negra e uma literatura afro-brasileira. O conceito daquela, ainda, confunde-se com o conceito de Romance Negro, relativo a romance policial, de mistérios ou crimes (DUARTE, 2010, p. 4). Mas, na realidade, de acordo com Proença Filho, trata-se de

uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural (PROENÇA FILHO, 1988, p. 78 apud DUARTE, 2010, p.3).

Portanto, percebe-se que são conceitos diferentes cujo elo é a necessidade de ser escrita por autor negro. No entanto, a literatura negra exigirá como temática central tratar da questão étnica, enquanto a literatura afro-brasileira será mais abrangente, adotando obras como *Úrsula*, com um romance central marcado por personagens brancos, mas que, ao mesmo tempo, usa do espaço literário para proporcionar inovações quanto à realidade do negro, trazendo especialmente dois que serão distintos da visão social emanada na época.

Assim, Duarte (2010) reúne algumas características importantes que compõem a literatura afro-brasileira, podendo ser todas elas ao mesmo tempo, como apenas algumas por obra. São elas: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público, as quais serão descritas na sequência.

2.1 A temática

A temática da literatura afro-brasileira está relacionada aos fatores culturais, artísticos, históricos, sociais, religiosos, ritualísticos, musicais, etc., os quais se desdobram nas narrativas, alcançando relatos da escravidão, da violência, desumanidade e injustiças, bem como com a criação de personagens de suas crenças religiosas, de reescritura de mitos e tradições orais e transcendentais. Neste aspecto, encaixa-se também a ancestralidade.

No entanto, a abordagem das condições passadas e presentes de existência dos afrodescendentes no Brasil não pode ser considerada obrigatória, nem se transformar numa camisa de força para o autor, o que redundaria em visível empobrecimento. [...] Deste modo, a adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em sua interação com outros fatores como autoria e o ponto de vista (DUARTE, 2010, p. 8).

Relativamente à temática, *Úrsula* possui capítulos destinados às histórias dos escravos personagens, um, em especial, traz o relato de mãe Susana e sua experiência no processo de escravização, da liberdade à prisão, da paz ao tormento, da plenitude de vida à quase morte no navio negreiro, como segue:

Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la [...]. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. [...] Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana*, fomos *amarrados* em pé e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas [...]. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. [...] A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. Não sei ainda como resisti [...] (REIS, 2018, p. 121- 123 *grifado no original*).

2.1.1 A violência contra o negro

Com base no relato exposto anteriormente, percebe-se que é comum a história do negro atrelar-se a momentos e experiências de violência, afinal, privar-lhes a liberdade e, como diz no texto, “tudo quanto é mais necessário à vida” eram práticas comuns daquele período. Pobre de mãe Susana por esperar que cumprissem o mandamento de amar os semelhantes como a si mesmos (REIS, 2018, p. 122). Isso porque, para os brancos, os negros não eram semelhantes, deixavam a condição de seres humanos para serem apenas

escravos, sendo o sofrimento parte comum dessa nova condição que lhes estava sendo imputada.

Outro momento importante do livro que realiza a denúncia dos males sofridos pelos negros refere-se às jornadas de trabalho dobradas, simplesmente por momentos de cólera do comendador, conforme a seguir:

[...] os negros tinham recebido novas tarefas. Desgraçados! Não eram eles que trabalhavam por acabá-las – não era o feitor, que com o azorrague em punho ao som dos estalos os despertava. E já nem uma lágrima lhes vinha aos olhos, nem um queixume nos lábios – eram mudos; estorciam-se com a dor da chibatada, abriam os olhos, moviam-se maquinalmente para continuarem o serviço, e logo recaíam naquela penosa prostração, que revela a extrema fadiga do corpo, que decai já para o túmulo, cansado de lutar em vão contra mil privações que o desgastaram e aniquilaram. (REIS, 2018, p. 174).

Ainda, não se pode deixar de destacar o momento em que Fernando P., tio de Úrsula, manda que seus feitores tragam Susana para lhe tirar informações sobre jovem, ordenando

– Que me tragam sem detença Susana. Ouvis, senhor? Que a atem à cauda de um feroso cavalo, e que o fustiguem sem piedade, e...
– Senhor comendador – observou o homem, que recebia as ordens – ela chegará morta.
– Morta?... Não, poupem-lhe um resto de vida, quero que fale, e demais reserve-lhe outro gênero de morte (REIS, 2018, p. 172).

Cenas horríveis de sofrimento e injustiça, dor e martírio recheiam a narrativa de *Úrsula*. Nesse caso, a autora, como dito anteriormente, não escreve o que se vende, mas denuncia o que se vê. A temática está não implícita, velada, mas explícita para uma sociedade que, por muitos motivos, não se dispõe a ler, pois o julgamento da obra se inicia já por quem a escreve.

2.2 A autoria

Este aspecto da literatura afro-brasileira ainda envolve muitas discussões referentes a o que se pode ou não ser considerado de autoria afro-brasileira, considerando-se o intenso processo de miscigenação ocorrido. Esse questionamento principal gera ainda duas questões que não podem ser desconsideradas. A primeira é, preocupando-se em atender a estigmas, não tratar como afro-brasileiras apenas obras que se refiram aos negros, pois a sociedade, resultado da miscigenação, também possui uma carga hereditária relativa ao processo de escravidão e outras tantas injustiças, violências e aspectos culturais assimilados.

Outro ponto importante a atentar-se e que se deve evitar também é “a redução sociológica, que, no limite, levaria a interpretar o texto a partir de fatores externos a ele, como a cor da pele ou a condição social do autor” (DUARTE, 2010, p. 9), pois o texto precisa estar vivo e completo em si, independentemente de um conhecimento prévio a respeito de quem o escreve.

Por fim, de acordo com Duarte (2010, p. 9), “a instância de autoria como fundamento para a existência da literatura afro-brasileira decorre da relevância entre escritura e vivência”. Aqui, retomamos o conceito de “escrevivência” abordado por Constância Duarte (2017, p. 3), relacionado à escrita e relatos de sua gênese quanto às obras de Conceição Evaristo.

Nesse sentido, tem-se um trecho que trata do dia a dia dos escravos e da forma como lidavam com as obrigações e suas necessidades “do lar” na fazenda de Fernando P., onde

[...] os desgraçados escravos do comendador, espectros ambulantes, não dispunham de uma só hora no dia, que pudessem dedicar em benefício de suas moradas; à noite, trabalhavam ordinariamente até ao primeiro cantar do galo. Esfaimados, seminus, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou três horas desse dono fatigado, que lhes concedia a dureza de seu senhor (REIS, 2018, p. 158).

Faz-se, portanto, perceptível que o ordenamento de tarefas até as últimas forças e a falta de tempo para se dedicarem às próprias necessidades era rotina, bem como as surras e a privação de sono. Claramente, eram submetidos a torturas intermináveis e, dessa vez, retratadas por uma autora negra, trazendo peso e realismo ao seu relato, ultrapassando as barreiras de se falar do que se vê ou do que se ouve falar, mas expondo uma experiência vivida por pessoas próximas, cujos reflexos ainda nela repercutiam devido à cor de sua pele.

Nesse sentido, mais uma vez, seu romance torna-se palco de denúncia, vai além de compor uma campanha abolicionista, e o faz sem, no entanto, desprezar a história central de Úrsula e Tancredo. Pelo contrário, realiza-a simultaneamente, como simultaneamente ocorriam todas as injustiças com os negros enquanto os brancos viviam suas vidas incólumes, aquém de realidades outras que os circundavam.

2.3 O ponto de vista

Neste aspecto, tem-se a possibilidade de desestigmatização das características reforçadas na literatura brasileira comum e nos espaços sociais que desprezam as diferenças e realidades étnicas da população negra. Dessa forma, o ponto de vista tem papel fundamental na literatura afro-brasileira por trazer à tona aspectos esquecidos (muitas vezes, nem cogitados) relativamente a essa parcela da sociedade.

Exemplo disso encontra-se na obra de Firmina, quando é o personagem negro a referência moral do romance, como se pode ver no momento em que Túlio resgata a Tancredo, sendo descrito como alguém cuja “escavidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista” (REIS, 2018, p. 55).

A partir desse trecho, pode-se perceber que, mesmo sendo escravo e tendo sofrido nas mãos de feitores a mando de brancos senhores, sua compaixão se estende a um desconhecido, resgatando-o da morte, como a um amigo. Sendo assim, são reforçadas em sua personalidade nobres adjetivos, como generosidade, virtudes, pureza de alma, dentre tantos outros que lhe são atribuídos no decorrer da trama.

Além disso, o ponto de vista permite ao autor demonstrar diferentes perspectivas históricas e culturais atreladas “à vida e às condições de existência” dos afro-brasileiros, o que inclui até o vocabulário utilizado por esses autores, explicitando uma vivência diferente que gera escolhas diferentes com relatos diferentes (DUARTE, 2010, p. 10).

Outro momento em que se exaltam nobres qualidades em personagem negro na história é quando, mesmo sob ameaças, Susana se recusa a fugir, pois é inocente em suas ações e não teme o mal (REIS, 2018, p. 173). Na passagem, a escrava demonstra retidão, caráter incorruptível, coragem e resignação, mais uma vez, sendo atribuídos valores às personagens negras que, geralmente, caberiam aos brancos.

2.4 A linguagem

Aqui, vincula-se a escrita a “práticas linguísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil”, a qual também ressalta ritmos, entonações e

significados próprios e propositais (DUARTE, 2010, p. 12). O intuito, muitas vezes, é desvincular a escrita das práticas comuns e de adjetivos que acompanham outras obras, tão naturalmente, que mal são percebidos, como preta, mulata, crioulo, mas que tomam a devida proporção na literatura afro-brasileira, apesar de, mesmo com tantas novas publicações e dias programados para atentar-se quanto à necessidade de reverter essas situações, serem palavras que pertencem, até mesmo, à fala das próprias vítimas.

Neste aspecto, a obra de Maria Firmina dos Reis não demonstra maiores preocupações em elucidar características ou costumes próprios oriundos da cultura africana, em vez disso, o que facilmente se observa é um processo de apropriação fortíssimo quanto à religião propagada no Brasil, no caso, o cristianismo.

São diversos os trechos em que Susana recorre em apelação à providência Divina, usando até mesmo citações bíblicas, de modo recorrente em toda a narrativa. Como exemplo, quando diante do comendador P., Susana “pediu a Deus que lhe pusesse um selo nos lábios, e o valor do mártir no coração” (REIS, 2018, p. 176).

Relativamente aos adjetivos, o texto não usa os termos mulatas, crioula(o), preta(o), mas usa africana, como no trecho “[...] tornou a mísera africana [...]” (REIS, 2018, p. 175).

Assim, apesar de *Úrsula* não ser um perfeito exemplar quanto a este aspecto, a linguagem marcada por aliterações rítmicas, vocabulário cultural africano e novos adjetivos para criação e contraposição de imagens e descrições surge para, juntamente com outras características apresentadas, qualificar, marcar e identificar o texto de literatura afro-brasileira.

2.5 O público

Por fim, o público surge como desafio para essa “nova” escrita, pois, apesar de já existir, tem sido necessário despertá-los para esse novo tipo de produção, bem como tornar a eles acessível a literatura afro-brasileira, inclusive com fontes que os possibilitem a leitura, entendimento e identificação com o que está escrito. Isso porque, mesmo que retratando uma realidade histórica, social e cultural brasileira, esse tipo de literatura ainda vai contra padrões (não que ela deveria seguir uma linha específica, mas que não deveria mais haver padrões a se seguir na literatura de modo a ampliar a aceitabilidade do que está sendo escrito).

Nesse sentido, Duarte conclui que

Num contexto tão adverso, duas tarefas se impõem: primeiro a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo muitas vezes maniqueísta do panfleto (2010, p. 15).

Neste aspecto, *Úrsula* surge como berço de inovações na escrita em busca de um espaço na literatura brasileira para fazer conhecida, por outros horizontes, a dura realidade do negro e escravo no Brasil. Apesar de não ter sido base para nenhum movimento negro da época, bem se pode perceber que seu intenso resgate em ambientes acadêmico e escolar é fruto da sua importância quanto à conscientização de algo que há muito já existia, era relatado e desprezado, como ainda acontece nos dias de hoje.

Portanto, mesmo que sem alcançar um público numeroso na época, tendo sido claramente escrito para a sociedade branca, considerando-se que raramente negros tinham instrução no século XIX, a obra de Firmina transcende seu objetivo e gera, atualmente, importantes reflexões, tanto na população branca política e economicamente dominante, como na dos negros, em sua maioria, ainda reprimidos e marginalizados socialmente.

4. Considerações Finais

Em vista do exposto, pode-se perceber que *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, já em 1859 trazia uma pesada carga de denúncias quanto à violência contra a mulher e contra os negros, tudo isso de forma inovadora, valorizando a necessidade de se escrever um bom romance ao mesmo tempo em que permitia a seus personagens momentos próprios de narrativa, inclusive aos negros, aproximando o leitor da dura realidade por eles vivida, bem como permitindo melhor conhecimento dos pensamentos e sentimentos de cada um deles.

Além disso, a obra encaixa-se nas características de uma produção afro-brasileira, nos cinco requisitos apresentados, tanto em relação à temática, quanto à autoria, ponto de vista, linguagem e público, apesar de nem tanto no que se refere à linguagem. Em muitos momentos, a autora retrata a dura vida dos escravos e as atitudes de seus impiedosos senhores, bem como traz a passagem marcante do momento em que a personagem Susana é capturada na África, amarrada e trazida como escrava para o Brasil, em pé, com pouca água e comida, durante 30 dias no porão e um navio.

Nesse sentido, percebe-se que era uma literatura descompromissada com o gosto de seus leitores, mas compromissada com a expressão de uma realidade desprezada pela sociedade. Porém, hoje, *Úrsula* é uma obra atraente ao olhar de estudiosos, pois de acordo com Machado (2018, p. 14), pesquisas realizadas

vêm consolidando um lugar único para Maria Firmina dos Reis em nossa história e cultura: o de uma mulher que ultrapassou todas as barreiras raciais, sociais e de gênero, mostrando ao mundo que mulheres negras e homens negros têm consciência e agência históricas, sendo capazes de, com suas vozes, desfazer as teias da opressão e do silenciamento gerado pela escravidão.

Ainda segundo Machado (2018, p. 42), “é nessa oportunidade que Firmina mostra sua criatividade e sua capacidade de arquitetar uma trama densa e totalmente alheia a qualquer código literário”. Portanto, trata-se de uma obra inovadora, uma expressão pioneira na literatura afro-brasileira e feminista.

Afinal, relativamente a seu aspecto feminista, a narrativa apresenta três situações em que o martírio sofrido pela mulher acontece dentro de casa, com relacionamentos abusivos, possessivos e violentos, que lhes priva da felicidade, do amor sincero e da dignidade de uma vida de proteção, acolhimento e compreensão, onde suas casas, que deveriam ser seus espaços de voz e paz, tornam-se seus ambientes de dor e opressão.

Por fim, acredita-se que muito ainda se pode descobrir a partir de análises minuciosas de tantos outros romances de autoria feminina desprezados quando do momento de suas publicações, os quais reforçam o discurso atual de que não é de hoje que se trava uma batalha contra a violência sofrida pela mulher. Sendo assim, sugere-se que pesquisas como essa possam ser feitas em outras obras na literatura brasileira que não foram incorporadas ao cânone, mas que possuam conteúdo discursivo revelador relativamente aos costumes sociais, políticos, econômicos e até religiosos do Brasil.

Referências

DALCOL, M. S.; ALÓS, A. P. O mundo da vida e o mundo do texto em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n150550r>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e etnia no nascente do romance brasileiro. **Revista Estudo Feminista**, vol. 13, n. 2 Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200019>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

_____. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. Literafro, 2017. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/47-constancia-lima-duarte-genero-e-violencia-na-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres Marcadas: literatura, gênero e etnicidade. **Revista Scripta**, v. 13, n. 25, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4368>>. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, v. 14, n. 23, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>>. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In. REIS, Maria Firmino dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics Companhia de Letras, 2018.

MAZZONI, Vanilda Salignac. **A escrita feminina: em busca de uma teoria**. S.d. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/139706939/A-ESCRITA-FEMININA-EM-BUSCA-DE-UMA-TEORIA-pdf>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

OLIVEIRA, A. L. J de; OLIVEIRA, J. P. de; ALÓS, A. P. A voz da multiplicidade no reconhecimento da literatura feminina: leituras de Rita Schmidt. **RUA**, v. 23, n.2, Campinas, 2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8651150>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

REIS, Maria Firmino dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics Companhia de Letras, 2018.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres escrevendo a nação. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n.1, Florianópolis, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9858/9091>>. Acesso em 22 de outubro de 2019.

SHMIDT, S. P.; RAMOS, T. R. O. Resenha crítica de Escritoras Brasileiras do século XIX: antologia. **Graphos**, v.7, n. 2/1, João Pessoa, 2005. pp. 219-222. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/9463/5116>>. Acesso em: 22 de outubro de 2019.